

WITTGENSTEIN: (ANTI)FILOSOFIA E O IMPENSADO

11 “A filosofia não é uma doutrina, mas uma atividade.” Tal afirmação, presente no núcleo do *Tractatus Logico-Philosophicus*, segue nos interrogando em múltiplas direções. Uma delas provém da destituição das pretensões sistemáticas da conceitualidade filosófica, seu impulso construtivo de elaboração discursiva que reiteradamente produziria contrassensos. Caberia, então, a uma renovada reflexão filosófica, a tarefa fundamental de “crítica da linguagem”, tarefa essa que, levada às últimas consequências, deveria permitir determinar os limiares do pensável, ou, de outro ponto de vista, “limitar o impensável a partir de dentro”. O exercício dessa crítica parece constituir o ato filosófico por excelência, um ato que leva o pensamento para além de qualquer denso meandro teórico, e se afirma em toda a sua potência enquanto puro mostrar, dentro daquilo que, no momento em questão da obra wittgensteiniana, é chamado de “lógica da afiguração”, e que, mais tarde, será transfigurado na noção de “apresentação precípua”. É aí que uma consequente reflexão filosófica aparece enfim como uma verdadeira *antifilosofia*, uma forma discursiva pertencente à filosofia, mas na qual a dimensão propriamente argumentativa do conceito, ou seja, aquela parte do trabalho explicativo composto por articulações inferenciais, é abdicada em favor de uma bem construída sequência de teses e aforismos, por exemplo. Não é o caso, entretanto, que esses escritos antifilosóficos sejam desprovidos de uma rica e nuançada intertextualidade a ser decifrada pela leitora atenta, remetendo-a implicitamente a todo um arcabouço discursivo acumulado por uma tradição filosófica que é múltipla e aberta, algo que é bastante visível em outros antifilósofos de semelhante envergadura, como é o caso de pensadores como Pascal ou Nietzsche.

O impacto do pensamento de Wittgenstein é decisivo para campos muito diversos do conhecimento, na medida em que as questões abordadas guardem relação com a filosofia contemporânea. Daí ser difícil exagerar a importância que o modo como Wittgenstein se dedicou à linguagem tem para quem se debruça sobre temas afins. Se não por outras razões, ao menos pela maneira através da qual certa herança da metafísica tradicional, cujas pretensões fundacionistas apelam para uma ordem transcendente e que se supõe estabilizadora de arranjos categoriais e valorativos, colapsa diante das observações argutas que colocam em relevo o pano de fundo gramatical que participa na determinação de nossas práticas e de nosso pensamento. Ora, se as linhas acima estão corretas, soa como uma provocação a conhecida passagem na qual Wittgenstein afirma que a filosofia “deixa tudo como está” (IF§124). Como é concebível que linhas de raciocínio tão precisas e certeiras quanto



as que Wittgenstein mobiliza na demonstração da ininteligibilidade da concepção de uma linguagem privada possam deixar tudo como esteve até então? Um leitor desatento talvez fique com a impressão de que todo o esforço foi em vão. Mas basta que retornemos sem pressa ao trecho para que percebamos que tudo permanece como está, pois, ao contrário de quem eventualmente estivesse esperando que a filosofia fornecesse uma fundamentação ou uma norma específica para “o uso efetivo da linguagem”, a filosofia não possui, ou não deveria possuir, prerrogativas de polícia discursiva. Não se trata de defender ideais como os de clareza ou univocidade do significado, nem tampouco versões desses ideais como aquelas contidas em concepções de verdade como correspondência, por exemplo. Tais expedientes não podem promover uma “melhora” na linguagem, porque não há nada a ser melhorado, e não é possível ‘sair’ da linguagem para avaliá-la em sua totalidade. Assim, a filosofia pode se interessar pelos usos da linguagem e pelas práticas nas quais esses usos estão inseridos, mas não é sustentável assumir o engodo de que a filosofia se proponha a tutelar e normatizar usos e práticas.

A lida com posições filosóficas – ou antifilosóficas – como essas ficou em certo sentido facilitada por conta de um projeto editorial de amplitude: a tradução das obras completas de Wittgenstein para a língua portuguesa. Tal empreitada teve um primeiro marco recentemente, a saber, a publicação de uma nova tradução para esse livro que é uma referência incontornável para vários tipos de interesse: as *Investigações Filosóficas*. Torna-se ainda mais significativo, portanto, para a revista *Pólemos*, trazer ao público nesse momento seu dossiê sobre o centenário do primeiro livro de Wittgenstein.

O volume conta, ainda, com contribuições de autores e autoras de diversas partes do país, como já é tradição da revista. E com o trabalho intenso e constante do corpo de editorxs e pareceristas. Este volume conta como capa elaborada pela própria equipe da *Pólemos* a partir da sobreposição da imagem do filósofo e da pintura de seu contemporâneo e conterrâneo, Gustav Klimt. No mosaico vítreo das composições de Klimt, em suas volutas, vibra o pensamento atividade de Wittgenstein.

Herivelto de Souza

Professor do Departamento de Filosofia da UnB

Priscila Rufinoni

Editora-chefe responsável

